

Pensar com som e imagem. Ensaios audiovisuais representam um tipo diferente de trabalho científico

Por Štěpán Šanda

“Não há nada de natural nos desejos”, diz, com sua dicção característica, o filósofo esloveno Slavoj Žižek. Em vez de um auditório universitário, porém, ele aparece de terno diante de uma cortina vermelha que remete ao célebre Quarto Vermelho da série misteriosa *Twin Peaks*. Trata-se de uma das cenas de *O guia perverso do cinema* (2006), da diretora Sophie Fiennes, em que Žižek apresenta, por meio de diversos exemplos, uma leitura psicanalítica de uma ampla lista de obras famosas e menos conhecidas do cinema mundial.

Mas não é preciso ser um pensador excêntrico como Žižek, nem ter acesso a um arquivo praticamente ilimitado como o da BBC, caso do documentarista britânico Adam Curtis, que constrói colagens de imagens históricas para comentar o presente, para apresentar conhecimento por meio do audiovisual. A digitalização trouxe, entre outras coisas, maior acesso a materiais fílmicos e audiovisuais em geral, além de facilitar sua edição e manipulação. Desse contexto nasceu um gênero específico, o ensaio audiovisual, ou videoensaio, hoje também utilizado pela comunidade acadêmica para apresentar resultados de pesquisa.

O pensamento visual como método científico

“Isso dá continuidade a uma tradição anterior de pensar com imagens em movimento, ou de trabalhar com imagens que pensam por si mesmas. São exemplos os projetos de teóricas e teóricos como Laura Mulvey e Peter Wollen”, explica Veronika Hanáková, doutoranda do ÚISK da Faculdade de Filosofia da Universidade Carolina, que também produz videoensaios. Entre outros pioneiros do formato, ela cita o crítico John Berger e sua série para a BBC *Ways of Seeing (Modos de ver)*, além de experiências no campo das artes.

Ela própria começou a produzir videoensaios a partir do projeto *TV Dictionary*, para o qual, junto ao pesquisador de cinema Jiří Anger, criou um ensaio sobre a série televisiva *Vodník*. “Depois, Jiří articulou uma plataforma para publicar ensaios audiovisuais de perfil cinéfilo para a revista *Film a doba*, além de trabalhos de divulgação científica para o Arquivo Nacional de Cinema e para a seção *Contextos* do site *Filmový přehled*. Ali, junto com outras pessoas da área de Estudos de Cinema da FF UK (Lucie Formánková, Jáchym Šidlák, Jan Kinzl e outros), produzimos ensaios audiovisuais sobre filmes tchecos”, relata. Segundo ela, o grupo trabalhou também com materiais do Arquivo Nacional de Cinema que não eram acessíveis ao público, trazendo-os, de certa forma, à luz. Essa produção se insere, ainda, no contexto de pesquisas de orientação prática, cujos resultados não são textos científicos tradicionais.

A ensaio fílmico *Agon*

Como outra forma de apresentar e difundir seu trabalho acadêmico, Nico Carpentier, do Instituto de Estudos de Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Carolina, também menciona a criação audiovisual ao falar de seu novo ensaio fílmico *Agon*, desenvolvido no âmbito do projeto europeu de pesquisa MeDeMAP.

“Funciona como disseminação, algo bastante importante em projetos de pesquisa. Tentamos levar o ensaio fílmico aos cinemas e festivais, o que é muito difícil, porque se trata de um formato híbrido que combina trabalho acadêmico e artístico. E os híbridos nem sempre têm vida fácil. Por isso, buscamos tanto publicações acadêmicas que aceitem esse tipo de resultado quanto circuitos de distribuição artística”, explica o pesquisador em comunicação.

Neste ano, ele publicou com Jeffrey Wimmer o livro *Democracy and Media in Europe*. Os temas centrais da obra foram utilizados, junto com os doutorandos Ali Minant e Jhon Sany Purwant, na criação do ensaio fílmico *Agon: Constructions of Democracy*, que estreou em 22 de outubro no cinema Ponrepo.

Esse formato pode, de fato, alcançar públicos que normalmente não leem periódicos acadêmicos. O festival de cinema Marienbad, por exemplo, tem uma seção própria dedicada a videoensaios, codirigida por Veronika Hanáková. No contexto tcheco, ela menciona ainda eventos multigênero como a Mostra de Animação Cinematográfica e Arte Contemporânea ou o Academia Film Olomouc, além da possibilidade de exibição em galerias.

Quando o livro não basta

Isso, porém, implica uma forma bastante diferente de pensar o próprio trabalho. Comunicar-se por meio de uma obra audiovisual exige outros procedimentos práticos e teóricos. “Com diferentes modos de comunicação, você pode dizer coisas diferentes. Não deveríamos deixar de ser acadêmicos, mas deveríamos ser mais criativos na forma de comunicar e produzir conhecimento”, afirma Carpentier. Embora a produção de ensaios audiovisuais esteja, por natureza, muito ligada aos estudos de cinema e aos estudos de mídia em sentido amplo, ela também se beneficia de abordagens multidisciplinares.

Um exemplo é o vídeo *Cycles of Labour*, criado por Jiří Anger e Veronika Hanáková em colaboração com Martin Tremčimský, do Instituto de Sociologia da Academia de Ciências da República Tcheca, sobre o trabalho invisível e reprodutivo. A diversidade aparece também nas revistas que publicam ensaios audiovisuais, como *Digital Humanities Quarterly*, *[in]Transition*, as revistas feministas *Feminist Media Histories* e *MAI: Feminism & Visual Culture*, além de títulos mais gerais como *NECSUS*, *Movie: A Journal of Film Criticism* e a tcheca *Illuminace*.

Na coletânea *Practical Aesthetics*, o teórico e filósofo Bernd Herzongerath defende que o enfoque proposto no título não significa pensar a estética da forma mais racional possível, algo típico do texto escrito e estritamente linear, mas sim deixar-se conduzir e pensar junto com os próprios formatos, sejam eles imagem, som ou produções audiovisuais. Veronika Hanáková lembra um exemplo de sua prática: a criação de um ensaio audiovisual sobre a chamada “transição em estrela” (*star wipe*).

“Quase não havia nada escrito sobre esse fenômeno, por isso o componente audiovisual foi fundamental para mostrar de que objeto se tratava. Só depois foi possível mergulhar na história e nas implicações da transição em estrela para a história da montagem. Ao mesmo tempo, queríamos saber se ela permite ver a montagem não apenas como algo utilitário, mas como algo lúdico, que vai contra a lógica da automatização.

Em formato textual, precisaríamos construir uma base ampla e descritiva antes de chegar às questões de pesquisa. Nesse caso, um artigo não bastaria, e teríamos de pensar em um projeto de livro”, explica, ao descrever o raciocínio por trás do ensaio audiovisual *The Return of the Star Wipe*.

Nico Carpentier, naturalmente, precisou seguir o caminho inverso, já que utilizou um texto previamente escrito como fonte de inspiração. Ainda assim, sua equipe deixou de lado, por um momento, o texto escrito como principal forma de expressão. “No início, Ali, Sany e eu começamos a pensar como expressar visualmente as ideias centrais do livro. Criamos storyboards, que imediatamente nos permitiram pensar de forma visual. Foi só no diálogo em torno desses storyboards que o roteiro começou a tomar forma. Traduzir um tipo de texto em outro, de um livro para um roteiro, seria difícil e arriscado. Queríamos proteger o filme, como gênero, de se tornar apenas uma extensão do texto do livro”, descreve Carpentier sobre o processo criativo de *Agon*.

Falhar melhor

Se, na dieta midiática contemporânea (ao menos no contexto europeu), as redes sociais dominam e privilegiam cada vez mais conteúdos audiovisuais, o formato do videoensaio pode ser visto como uma contribuição própria e até surpreendente à cultura comunicacional atual. Sua natureza multimídia frequentemente provoca receios de superficialidade.

“Costuma-se usar um argumento bastante duvidoso, o de que as gerações mais jovens não conseguem manter a atenção por mais de trinta segundos. Além de ser altamente generalizante, isso pressupõe que as pessoas ficam congeladas no tempo e que suas necessidades comunicacionais não mudam”, comenta Nico Carpentier.

Os ensaios audiovisuais mostram, ainda, que é possível aprofundar temas por meio do vídeo, embora esbarrem nas regras de plataformas como o YouTube, onde grandes corporações de mídia controlam rigidamente o uso de materiais protegidos por direitos autorais e podem bloquear conteúdos.

Embora essa dependência das plataformas complique, em muitos aspectos, a publicação de ensaios audiovisuais (Hanáková menciona a necessidade de distribuí-los por diferentes canais), o interesse por sua produção tem crescido. “Trabalhar com vídeo é visto de forma positiva não só no âmbito da pesquisa, mas também como ferramenta pedagógica e para a divulgação científica em redes sociais e outras plataformas”, afirma a pesquisadora, que já palestrou sobre essas possibilidades em seu instituto de origem.

“É importante lembrar o famoso e repetido trecho de Samuel Beckett: ‘Você tentou. Você falhou. Não importa. Tente de novo. Falhe de novo. Falhe melhor’. A educação não formal talvez me dê um pouco mais de espaço para desenvolver meu próprio estilo e minha própria linguagem, algo que valorizo, porque assim não preciso me prender tanto às

convenções”, acrescenta Nico Carpentier, ao falar das habilidades necessárias à criação audiovisual.

Essa relativa acessibilidade das ferramentas atuais de criação e edição audiovisual convida a experimentar outras formas de dar forma a um tema, ou mesmo a incluir o ensaio audiovisual como um dos possíveis resultados ao solicitar um financiamento. Por meio deles, é possível descobrir novos conhecimentos não apenas para a comunidade científica e para o público mais amplo, mas também para si próprio.